



**UFC**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**CAMPUS SOBRAL**

**CURSO LICENCIATURA EM MÚSICA**

**JÉSSICA CISNE DO NASCIMENTO**

**FEMINISMO, ATIVISMO E MÚSICA**

**SOBRAL**

**2018**

JÉSSICA CISNE DO NASCIMENTO

FEMINISMO, ATIVISMO E MÚSICA

Monografia apresentada ao Curso de Música, Campus Sobral, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Música.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes

SOBRAL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

N195f Nascimento, Jéssica Cisne do.  
Feminismo, Ativismo e Música / Jéssica Cisne do Nascimento. – 2018.  
39 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,  
Curso de Música, Sobral, 2018.

Orientação: Prof. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes .

1. feminismo. 2. movimento social. 3. música . 4. ativismo. I. Título.

CDD 780

JÉSSICA CISNE DO NASCIMENTO

FEMINISMO, ATIVISMO E MÚSICA

Monografia apresentada ao Curso de Música, Campus Sobral da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Música.

Orientadora: Prof. Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes

Aprovada em \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Simone Santos Sousa

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Carolina Borges Leão Martins

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Às mulheres, passadas e futuras.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelo esforço e sacrifícios para que eu e meus irmãos tivéssemos acesso à educação superior. À T.U pelo exemplo de força e presença constante, por todos os almoços, costuras e conversas. Aos meus irmãos, pela parceria.

Agradeço a minha querida orientadora Rita Helena pelas importantíssimas trocas e correções no decorrer da escrita desse trabalho.

À professora Simone Sousa pelas trocas e ensino ao longo do curso e no início desse trabalho.

Aos meus amigos que foram presenças importantes para a conclusão dessa etapa.

## RESUMO

A música é um campo de luta do movimento feminista. O feminismo é um movimento gerado por mulheres, de caráter agregador, contra uma sociedade desigual, que propõe uma análise crítica social e reivindica a equidade para todas, todos e todes<sup>1</sup>. A luta social se caracteriza pela união não institucional de pessoas que resistem e propõe uma mudança social. Por meio da análise dos dados obtidos através de uma entrevista semiestruturada, pudemos concluir que três grupos musicais, autointitulados, feministas da cidade de Sobral-Ce denunciam abusos e reivindicam direitos, principalmente das mulheres, portanto fazem da música seu campo de luta e resistência.

**Palavras-chave:** feminismo, movimento social, música, ativismo.

---

<sup>1</sup> Utilizo esse termo para identificar o gênero não binário. Considerando que o feminismo libera as pessoas de se identificarem somente como homens ou mulheres, abrindo lugar para outras expressões de gênero e sexualidade, como afirma Tiburi (2018, p. 11)

## **ABSTRACT**

Music is a field of struggle of the feminist movement. Feminism is a movement generated by women, with an aggregating character, against an unequal society, which proposes a social critical analysis and claims equity for all (men), all (women) and all (others). The social struggle is characterized by the non-institutional union of people who resist and propose social change. Through the analysis of the data obtained in a semi-structured interview, we could conclude that three musical groups, self-nominated feminists, from the city of Sobral-Ce denounce abuses and claim rights, especially on behalf of women, therefore make music their field of struggle and resistance. Keywords: feminism, social movement, music, activism.

**Key words** : feminism, social movement, activism, music.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. O QUE É FEMINISMO? .....</b>	<b>12</b>
<b>3. A MÚSICA PODE SER VISTA COMO UM CAMPO DE LUTA SOCIAL?.....</b>	<b>19</b>
<b>4. QUAL A RELAÇÃO DE 3 GRUPOS MÚSICAIS DE SOBRAL-CE, COM O FEMINISMO?.....</b>	<b>25</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>

## **Introdução**

Após sete anos cursando Licenciatura em Música na UFC em Sobral, passei por várias transformações. Já tendo cursado mais da metade das disciplinas do curso, e me sentindo bastante desestimulada com a academia, decidi sair pedalandando Brasil afora. Algo com que me deparei quase todos os dias dos 4 meses de viagem, foi o espanto das pessoas, pelo fato de serem duas mulheres, viajando “sozinhas”. Naqueles momentos, eu não conseguia entender o peso que isso tinha dentro da realidade social em referência às mulheres, pois não me sentia sozinha, como diziam.

Após retornar à Universidade, entrei no grupo Caboclas, um grupo formado somente por mulheres, cantoras e instrumentistas. Durante uma oficina com a psicóloga Thamila Santos, nos vimos na seguinte situação: em um grupo que na época era formado por cinco mulheres, todas já haviam sofrido algum tipo de abuso ou assédio sexual e, nenhuma de nós, até então, teria se sentido encorajada a falar sobre isso. Em decorrência disso e movidas pelo sentimento de libertação que havíamos experienciado após nossos relatos, começamos a pesquisar dados estatísticos relacionados à violência contra as mulheres, passamos a conversar sobre relacionamentos abusivos, e entender sobre feminismo, buscando músicas que denunciassem e tratassem disso, para criar o espetáculo Atemporal. Nesse processo individual e coletivo, passamos a conhecer inúmeros casos de feminicídio, estupro, agressão física dentre outras violências sofridas pelas mulheres, inclusive do nosso curso.

De posse desses conhecimentos, pude entender que o fato de não haver um homem nos acompanhando, em nossa viagem de bicicleta, nos deixava de certa forma desamparadas, segundo a visão das pessoas. Diante disso, passei a refletir sobre a construção social na qual fui criada e sobre a violência verbal e física sofrida pelas mulheres. E a partir disso, senti a necessidade de estudar e entender sobre o feminismo.

Compreendendo como um assunto de total relevância no período político atual em que nos encontramos, que exige de nós entender, para defender a luta pelos direitos humanos, escolhi: Feminismo, Ativismo e Música, como tema desse trabalho que está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado - O que é feminismo? - traçaremos uma análise histórica do movimento, passando pelas três

ondas do feminismo, conhecendo autoras importantes e suas diferentes visões sobre o movimento. Evidenciando o caráter plural do feminismo, abordaremos as diferentes vertentes que surgiram ao longo da história e como esse movimento passa a agregar todas as minorias políticas, por exemplo, negros e lgbtq+.

No segundo capítulo - A música pode ser vista como um campo de luta social?- discorreremos sobre o conceito de movimento social. Em seguida, apontaremos ao longo da história, a relação entre música e movimentos sociais. Acompanhando o jazz, junto ao movimento dos negros nos EUA, a música de protesto no Brasil no período ditatorial, até chegarmos ao movimento feminista atualmente. Esse percurso nos dará base para análise de grupos entrevistados no capítulo posterior.

No terceiro capítulo - Qual a relação de 3 grupos musicais de Sobral-CE, com o feminismo? - apresentaremos a análise das entrevistas semiestruturadas, com três grupos da cidade de Sobral, são eles: Caboclas, Rizoma e Frida. Contextualizando sobre o surgimento do grupo e seu modo de atuação na cidade, estabeleceremos através dos dados obtidos, pontos de convergência e divergência entre os grupos em relação ao movimento feminista, o que consideramos favorável à pesquisa pela riqueza da discussão gerada, ressaltando a característica de pluralidade do movimento.

Nas considerações finais, faremos uma articulação teórica entres os três capítulos, expondo quais as ideias gerais do feminismo e sua intersecção com a música. Exemplificaremos a junção de feminismo e música, através dos dados obtidos por meio da entrevista realizada com alguns grupos formados somente por mulheres em Sobral. Ressaltando a possibilidade de abertura a novas pesquisas, a partir desse trabalho. Finalizando com uma análise geral sobre os grupos estudados e sua relação com o feminismo.

## Capítulo 1 - O que é feminismo?

Nesse capítulo iremos tratar sobre a história do feminismo, passando pelas três ondas, traçaremos o histórico de análises e mudanças de conceitos e pensamentos a partir do trabalho de diversas autoras, apontando dentro dessas três ondas os entendimentos que, ao longo de estudos, pesquisas e lutas em prol dos direitos das mulheres, foram se reproduzindo até os dias atuais. A partir da história, entenderemos quais as reivindicações trazidas pelas mulheres no decorrer do tempo e como essas foram se transformando à medida que surgiam novas feministas com novos questionamentos e reivindicações. Veremos, ainda, como esse feminismo passa a englobar a diversidade de corpos existentes na sociedade. É importante esse resgate histórico para entendermos de onde surgiu a luta feminista e quais eram suas motivações. Sabendo disso, teremos mais condições de constatar e compreender as variações das manifestações do feminismo no campo artístico.

Segundo Piscitelli (2009), o feminismo surge no final do século XIX, na Europa, América do Norte e em outros países, impulsionado pela ideia de “igualdade dos sexos” e da necessidade de enxergar a mulher como realidade civil na esfera pública. Ou seja, entende-se já nesse momento a mulher como um ser diferente do homem, este último, até então, tomado como modelo de um sujeito “universal”. As lutas pelo reconhecimento da mulher no âmbito público, portanto, remetem a uma ideia de que a mulher é um ser com necessidades e vontades diferentes do homem. O início do movimento tem como marco a luta pelos direitos trabalhistas iguais, que passa a ser uma questão a partir dos lugares ocupados por elas pós Revolução Industrial. A Revolução Industrial começou no século XIX, na Inglaterra, com a chegada das fábricas têxteis e introduziu, primeiramente, o trabalho de homens e, em seguida, mulheres e crianças. Embora todos e todas tivessem a mesma jornada de trabalho de 15 horas, mulheres e crianças recebiam menos que os homens pelo mesmo trabalho.

A necessidade da força na execução de serviços, no princípio da industrialização, era essencial, o que limitava os trabalhos em fábricas a homens, devido a sua força física, mas com a descoberta de novas tecnologias mecânicas e barateamento das mais diversas máquinas - que as tornou acessíveis à grande maioria dos industriais -, esta deixa de ser um requisito, o que abre as portas das fábricas a mulheres e menores, que por sua

"condição inferior" (são inúmeros os estudos médicos que "comprovarão cientificamente" a inferioridade feminina, podemos citar, dentre eles, o médico Cesare Lombroso) percebiam salários significativamente inferiores aos pagos aos homens adultos. No campo, a realidade não era diferente: as mulheres e crianças que auxiliavam em colheitas e plantios eram consideradas *meia enxada*, - recebendo metade do valor pago proporcionalmente a uma *enxada* - em comparação ao homem adulto que seria *enxada*, porém, estudos demonstram que não havia diferenças significativas na quantidade de trabalho desenvolvido pelos primeiros em comparação ao último. (CALIL, 2005, P.16).

Com o início da Segunda Guerra Mundial, os homens eram mandados para a guerra e as mulheres passaram a assumir quase que totalmente o trabalho nas fábricas. Todavia, com o fim da guerra e o retorno desses homens, as mulheres não quiseram voltar para o trabalho doméstico. Por falta de leis que garantissem direitos às mulheres elas se uniram e fizeram greves contra os empregadores, por condições melhores de trabalho e pelo fim do trabalho infantil. Um marco nessa luta foi no dia 25 de março de 1911, quando cerca de 145 mulheres morreram queimadas numa fábrica de tecidos em Nova Iorque. As mortes ocorreram devido às precárias condições de segurança do local. A partir disso, a Organização das Nações Unidas (ONU) assinou o primeiro acordo internacional que afirmava princípios de igualdade entre homens e mulheres. No Brasil, o movimento só ganhou força com o movimento das sufragistas que conseguiram direito ao voto em 1932.

O movimento sufragista se inicia na Inglaterra no século XIX, no Brasil inicia-se no Rio de Janeiro em 1917, onde uma passeata realizada por 87 *sufrajetes* fez parar a capital do Brasil, liderada pela professora Leolinda Daltro, reivindicando o direito ao voto para as mulheres. “Durante muito tempo o direito de votar foi entendido como um privilégio de poucos, e estes poucos sendo exclusivamente do gênero masculino, brancos e possuidores de bens”. (KARAWEJCZYK, 2014, p. 69)

Ainda segundo Karawejczyk, foi em 1848 na França, que se estabeleceu o sufrágio direto sem qualquer limitação de censo, ou seja, era o fim da exigência monetária para ser eleitor, difundindo a ideia dos homens politicamente iguais. Com isso ficou visível a separação política entre homens e mulheres, sem precedentes até então.

Karawejczyk afirma que “A partir dessa explícita não inclusão das mulheres é que começou a surgir no mundo ocidental um movimento feminino em

busca do reconhecimento de sua cidadania política e pela igualdade de direitos.” (KARAWAJCZYK, 2014, p. 70)

As mulheres na época eram vistas como donas do lar, que deveriam ser mantidas à margem da política, obedientes aos seus maridos que eram os únicos que podiam votar. Entendendo que só a diferença sexual não era um motivo suficiente para privá-las do mundo público, começaram a lutar contra as desigualdades legais, econômicas e educacionais. Perceberam, então, que os políticos só atentariam para a vida das mulheres quando tivessem que prestar contas a um eleitorado feminino, daí a relevância do movimento sufragista, era uma luta com um fim que ia muito além de “apenas votar”.

Tais lutas caracterizam a chamada primeira onda do feminismo. Começa a surgir, nesse momento, uma identificação e organização dessas mulheres de diversas partes do mundo, excluídas por um sistema de dominação masculino, contra esse sistema opressor. A luta não é contra os homens e sim pela equivalência com eles nos direitos.

É importante ressaltar que essa série de mudanças e reivindicações se limitava a um certo grupo de mulheres de classe média e brancas, não abrangendo a totalidade das mulheres, o que provoca, posteriormente, a necessidade de ramificação de feminismos que tratem das realidades específicas de cada grupo de mulheres, falaremos mais a frente sobre os diversos femininos.

Um nome muito importante na década de 1930, início da segunda onda do feminismo, foi à antropóloga Margaret Mead. Segundo Aguiar (1997, p.40), ela “pode ser considerada precursora dos estudos que problematizam a construção do gênero e as relações que nela se baseiam”. Após um estudo na Melanésia, olhando para a diferença entre homens e mulheres, Mead traz em seu livro “Sexo e Temperamento em três sociedades primitivas” o que chama de papéis sexuais. Baseada na observação em três ilhas, Mead percebe que em uma delas os Arapesh, agricultores e criadores de porcos, homens e mulheres seriam “maternais, cooperativos, sociáveis, pouco individualistas e orientados para as necessidades das gerações seguintes” (PISCITELLI, 2009, p.129). Ou seja, as características descritas por Mead eram consideradas femininas para os norte americanos daquela época. Nos Tchambuli, pescadores, as mulheres eram muito fortes e desempenhavam o papel de dirigente, enquanto os homens eram considerados menos

responsáveis e emocionalmente dependentes. Já nos Mundugumor, agricultores e pescadores, homens e mulheres tinham comportamento “ativamente masculino, viril e sem quaisquer das características edulcoradas que estamos acostumados a considerar indiscutivelmente femininas” (PISCITELLI, 2009, p.129). Com sua pesquisa, Mead conclui que a diferença entre homens e mulheres é culturalmente produzida e não necessariamente da ordem da natureza. Ela problematiza, através de seus estudos, as ideias fixas de feminilidade e masculinidade, exemplificando as mudanças de uma cultura para outra.

Portanto, ela afirmava que, toda sociedade de algum modo determina os papéis de homem e mulher. A conclusão de Mead é considerada um divisor de águas no feminismo por destacar o caráter de construção cultural da diferença sexual. A partir disso, começa um novo olhar para essa diferença, entendendo o quanto a produção histórico-social vai suscitar essa desigualdade.

Segundo Narvaz e Koller (2006), a segunda onda do feminismo acontece na década de 60 e 70, especialmente nos EUA e na França. As feministas estadunidenses enfatizam a busca pela igualdade e a denúncia da opressão, enquanto as francesas tratam sobre as diferenças entre homens e mulheres, com um olhar voltado para a experiência feminina a muito negligenciada.

Considerada a precursora da segunda onda do feminismo, como afirma Piscitelli (2009), Simone de Beauvoir, filósofa e escritora francesa em seu livro “Segundo Sexo” (1949) trata sobre a ideia de dominação masculina. Ela não utiliza o termo “papeis sociais” utilizados por Mead, mas suas ideias vão ao encontro às de Mead ao considerar como construção social a posição das mulheres na sociedade. Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação entre as autoras, percebendo que a produção de Beauvoir e suas mudanças de pensamento são de algum modo, devedoras da “descoberta” de Mead. "Para Beauvoir, essa dominação não se explicaria por aspectos inerentes ao corpo feminino, nem à natureza. A resposta estaria na compreensão do que a história e a cultura fizeram, nos termos da autora, da ‘fêmea humana’" (Piscitelli, 2009, p.132). É com base nesse pensamento que Beauvoir escreve uma das frases mais citadas pelas feministas em diferentes momentos: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea

humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto [...]" (Piscitelli, 2009, p.132).

Entendendo essa dominação como uma forma de poder, e relacionando diretamente poder e política, Beauvoir destaca outro ponto importante sobre a desigualdade que continuava apesar de alguns direitos garantidos na esfera pública, ela volta o olhar para a esfera privada.

A famosa proposição “o pessoal é político” foi implementada para mapear um sistema de dominação atuante no nível da relação mais íntima de cada homem com cada mulher. Esses relacionamentos eram considerados, sobretudo, políticos, na medida em que "político" é essencialmente definido com o que envolve uma relação de poder. (PISCITELLI, 2009, p.134).

Essa forma de poder opressor, denominada patriarcado, estudada no meio feminista, representava toda forma de dominação masculina sobre as mulheres de dentro dos lares às instituições públicas. As feministas de então utilizam esse termo para determinar uma ideia de origem, para tentar explicar onde começava a opressão e dominação no contexto histórico. Com o passar do tempo, os estudos feministas começaram a criticar o uso desse termo, por tratar de maneira única, universal, as diferentes formas de dominação, que se alteram ao longo da história e lugares. As feministas passaram a perceber que o conceito que usavam fortalecia uma ideia de imutabilidade, contrária aos pensamentos que o movimento à época pregava de que a opressão fora fruto de uma construção social, e, exatamente, por não ser natural, poderia ser modificada. Aos poucos foi-se buscando noções que refletissem essa oposição a uma visão de característica natural e inalterável, nesse momento de ebulição intelectual é desenvolvido o conceito de gênero.

Publicado em 1975, o texto “O tráfico de mulheres: Notas sobre a economia política do sexo” da antropóloga Gayle Rubin, descrita, segundo Siqueira (2008), como:

(...) uma das teóricas feministas que ajuda a criar as condições que possibilitaram o surgimento deste conceito tão caro às teorias feministas. Seu trabalho é tomado como referência nesta trajetória de busca de teorias que pudessem dar explicações e ajudasse a compreender como são elaboradas e valoradas as distinções entre os sexos.

Rubin usa o conceito de gênero referindo-se à diferença sexual, que marca o início da 3ª onda do feminismo. A partir disso, pensa-se o sexo vinculado à biologia, como uma categoria para a diferença entre o feminino e o masculino, designados pela

natureza e pensados como elemento fixo; e gênero, vinculado às ciências humanas e sociais, para construção cultural de homem e mulher, portanto variável. Mas com o passar do tempo e através de novos estudos passa-se a questionar esse conceito com o intuito de acabar com a ideia de naturalização na noção de diferenças sexuais.

Entretanto, as elaborações feministas do conceito de gênero se distanciam dessas leituras pela ênfase que colocaram no caráter político das relações entre sexos e por observar que os sistemas de significado que produzem noções de diferença entre homens e mulheres oprimem não apenas a essas últimas, mas também as pessoas que não se inseriam em arranjos heterossexuais. (PISCITELLI, 2009, p.136 e 137).

A filósofa Judith Butler, em seu livro “Problemas de gênero” (1990), ao observar toda a genealogia que vai fixando as mulheres como uma categoria na sociedade diferente dos homens, portanto “sujeitos” numa sociedade em busca pela concretização de seus direitos, vai pensar justamente em quem fica de fora desse contexto. Ela discute sobre o lugar dessas pessoas que estão à margem, pois não se encaixam nessa dicotomia homem e mulher.

Segundo Judith Butler, um par de décadas atrás, a noção de discriminação de gênero se aplicava tacitamente às mulheres. No momento atual, a discriminação das mulheres continua existindo, particularmente quando se trata de mulheres pobres e/ou negras e/ou do "Terceiro Mundo". Entretanto, a discriminação de gênero atinge também homossexuais, transexuais e travestis, sujeitos à violência, a agressões e assassinatos por conta de sua identidade de gênero. (PISCITELLI, 2009, p.145).

Portanto, passou-se a entender que a estabilidade e coerência quanto à identidade de gênero obedece aos interesses da heterossexualidade. Acompanhando o desenvolvimento do conceito de gênero que se referia às diferenças e desigualdades que afetam as mulheres, podemos perceber que o termo adquire outros sentidos, passando a desvelar que as construções de masculinidade e feminilidade surgem na articulação com outras diferenças: de raça, classe social, nacionalidade, idade; e que essas afetam todos os corpos: homens, mulheres, travestis e transexuais. Podemos dizer que o feminismo tem um caráter agregador nesse sentido, pois ele olha para todas as categorias oprimidas pelo regime patriarcal e se atenta ao direito dos negros, trabalhadores, trans, gays, e as demais categorias oprimidas, sendo uma luta pelo lugar de todos. Como afirma Márcia Tiburi (2018, p.55), baseada no trabalho de Lorde:

(...) lutar pelos direitos das mulheres é lutar pelos direitos dos negros; lutar pelos direitos dos negros é lutar pelos direitos das mulheres e dos índios, das pessoas trans e dos trabalhadores; lutar pelos direitos dos trabalhadores é lutar pelos direitos das mulheres que são trabalhadoras [...] Lutar por direitos não significa lutar pelos próprios direitos em um sentido individual. A noção de direito implica sempre a sociedade. Por isso é que podemos dizer que a luta é lugar de todos, ou seja, implica não apenas a aparência, mas a presença concreta das diferenças objetivas e subjetivas.

Consequentemente, podemos entender o feminismo como uma análise crítica e desconstrutiva da sociedade, que se reinventa a cada momento que surge uma nova feminista ou um novo coletivo que produzem o feminismo que desejam (TIBURI, 2018).

Portanto o feminismo não é uma ideologia, pois não é uma imposição, assim como ocorre com o patriarcado. Pelo contrário, o movimento feminista está, desde o início, passando por diversas modificações de pensamento e análises, propondo um novo olhar sobre a sociedade afim de reivindicar os direitos daqueles para os quais os direitos inexistem. Para que isso aconteça, ele propõe pensar uma nova forma de política e uma nova forma de poder que vise um mundo melhor para todos, todas e todes, com outra educação, outra ética e outra economia, capaz de entender os indivíduos de forma singular, sem alijá-los (as) da sociedade.

## Capítulo 2 - A música pode ser vista como um campo de luta social?

Neste capítulo entenderemos o que caracteriza uma luta social e seu conceito para então compreendermos como se desenvolveu a relação desta, com a música. Mencionaremos o período da luta dos negros nos EUA por igualdade social e a importância do jazz nesse movimento. No Brasil abordaremos a década de 60, quando ocorre a ditadura militar, e a participação da música de protesto ativamente nesse período criticando o governo. Entenderemos, no contexto atual, como a música é utilizada para despertar o senso crítico e assim mobilizar a sociedade em busca de seus direitos. Apontaremos também a relação da luta feminista com a música, entendendo que o feminismo desde seu surgimento caracteriza-se como um movimento de luta por direitos, portanto a música nesse contexto se caracteriza como uma manifestação artística com um discurso político. Em posse desse saber, compreenderemos com mais clareza o trabalho de musicistas e seus grupos da cidade de Sobral-CE que trabalham ou já trabalharam com músicas ligadas ao movimento feminista, que trataremos no capítulo seguinte.

Para entendermos sobre as lutas sociais, é importante definirmos o que caracteriza uma luta ou movimento social. O termo “movimentos sociais”, usado pela primeira vez pelo sociólogo alemão Lorenz von Stein, “...diz respeito a um tipo de ação coletiva na qual, *grosso modo*, grandes grupos informais de indivíduos ou organizações, voltadas para objetivos específicos, resistem ou propõem uma mudança social.” (CARDOSO, VAINFAS, 2012, p.98). Os movimentos sociais foram criados a partir das desigualdades econômicas da sociedade industrial, os trabalhadores reivindicavam contra as explorações do trabalho e as desigualdades econômicas. As lutas sociais eram consideradas pelo pensamento marxista como fator essencial para a mudança na sociedade. A partir dessas lutas, inicia-se na história da sociedade um movimento de manifestações de diferentes grupos da sociedade e com diferentes motivações.

[...] movimentos sociais, eles nos remetem ao perene da condição humana: a terra, o lugar, o trabalho, a moradia, a infância, a sobrevivência, a identidade e diversidade de classe, idade, raça ou gênero. Os sujeitos coletivos que se agregam e põem em movimento se identificam com essas dimensões tão perenes. Eles nos remetem ao enraizamento de nossa condição e formação como humanos: a vida, o sobre-viver, as condições materiais, o lugar, o

espaço, o corpo, a raça, a cor da pele, as temporalidades, o gênero, as relações mais básicas entre coletivos. (ARROYO, 2003, p 37)

A música passa a estar vinculada aos movimentos sociais a partir do século XX, diretamente ligada aos processos políticos da época, podia-se ver estabelecida a relação entre Música, política e movimentos sociais. “Anne-Marie Green (1987, p. 88) escreve em um de seus trabalhos que a presença da música em nossa vida cotidiana é tão importante que podemos considerá-la como um fato social a ser estudado.” (SOUZA, 2004, p.7).

A música tem uma relação direta com a história, carrega os significados de uma época sendo um importante meio de expressão dos indivíduos.

A perspectiva adotada por Fernand Braudel, expoente da Escola dos Annales, inspiradora de toda a historiografia moderna, possibilitou a formulação de uma história que não se utiliza apenas de fontes escritas, mas também da geografia, economia política, sociologia e da psicologia. A partir dessa perspectiva, a história passou a se inter-relacionar com as ciências sociais na história. A música ganha, dentro dessa nova mentalidade, a possibilidade de ser utilizada como uma fonte de novos conhecimentos históricos. (MIRANDA, ZANETTI, 2005, p. 1083)

Portanto a música se agrega aos movimentos sociais no momento em que passa a expor e criticar um determinado contexto histórico de opressão e/ou desigualdade a que determinados indivíduos estão submetidos, com o objetivo de trazer o olhar da sociedade ou se expressar diante dos acontecimentos. As letras, melodias e harmonias são carregadas de mensagens de liberdade e igualdade e buscam mobilizar e conscientizar sobre a importância dos direitos dos indivíduos na sociedade.

Um exemplo da relação entre música e movimentos sociais é o Jazz. No sul dos Estados Unidos, o Jazz, acompanhou o movimento dos negros que lutavam contra o racismo, o Jazz conseguiu conquistar um público ainda que pequeno no começo. Segundo Mugiatti (1983), o jazz teve influência dos *work songs*, que eram os chamados cantos de trabalho, do blues, ragtime, dentre outros estilos musicais.

O jazz nasceu de um ato de violência, com o negro arrancado da África para trabalhar em outra terra, do outro lado do oceano [...] o trauma da escravidão marcou sucessivas gerações e foi um fator importante no aparecimento do

jazz- a música veio para exorcizar todos os demônios da injustiça e da opressão. (MUGIATTI,1983, s/p)

O Jazz passa por várias fases, nos anos de 60,70 e 80, sendo considerada uma importante vertente desse movimento com um discurso político de liberdade, o freejazz era uma música instrumental marcada pela liberdade de ritmo e expressão, que expressava o sentimento dos músicos diante das desigualdades e injustiças sofridas pelo povo negro nos Estados Unidos. Para além desse contexto, o Jazz esteve presente também no movimento estudantil de 68 na França, contra o governo do general Charles De Gaulle. A intelectualidade francesa adota o *freejazz* com essa ideia de liberdade pela quebra de estrutura musical e pelas metáforas implícitas nesse estilo.

Segundo Almeida e Marques (2017), é importante salientar o movimento de mulheres negras nesse período. Quando em 1955, Rosa Parks, se recusa a levantar-se do banco de ônibus, destinado somente a pessoas brancas, levando-a a prisão por descumprir a lei de segregação, inicia-se uma série de protestos que ia ganhando força à medida que se evidenciava a insatisfação dos negros que viviam nos EUA. Podemos citar três grandes nomes de mulheres, que, apesar de não terem sido evidenciadas através dos livros de história, participaram ativamente desses protestos como: Diane Nash, Ella Baker e Nina Simone.

Diane Nash foi uma ativista afroamericana dos direitos civis, mas toda sua militância começou quando estava estudando na Fisk University, onde ela participou do movimento de assentamento nacional, na Carolina do Norte. Assim acabou começando o movimento SCLC (Conferência da Liderança Cristã do Sul) [...]

[...] Ella Backer foi a fundadora e líder do SCLC (Conferência da Liderança Cristã do Sul), sua liderança ficou conhecida pelo seu carisma, ela promovia a organização de base democrática, e fazia com que os oprimidos criassem a capacidade de se defender por si mesmos [...]

[...] a cantora Nina Simone, que foi de grande importância para o jazz dos estados Unidos, mas também foi importante na luta pelos direitos. Nina Simone participou da marcha em Selma, e cantou a música Mississippi Goddam, que tem uma letra que denuncia a violência no estado de Mississippi. Após esse acontecimento ela dedicou sua carreira às manifestações e suas músicas se tornaram hinos para o momento, alguns dizem que ela virou uma “Padroeira” do movimento, mas tudo isso começou a afetar sua carreira, pois vieram vários boicotes das rádios a levando a falência. (ALMEIDA, MARQUES, 2017, p. 2354 e 2355)

Portanto, sendo a música um forte instrumento de comunicação, capaz de exprimir ideias e criar uma ponte direta entre o artista e a população, aconteceu que, em 1964, no Brasil, os artistas começaram a expressar opiniões contrárias ao governo ditatorial instaurado no país, através da música de protesto. Por esse motivo, muitos deles foram perseguidos e até exilados.

Na segunda metade do século XX, mais precisamente após o Golpe de 1964 que trouxe ao Brasil a consolidação de um governo ditatorial, o fazer musical se direcionou também a denunciar a repressão que se instaurou no país, vários artistas dedicaram suas obras a reunir elementos que revelavam discordância às condutas arbitrárias do governo militar. (NEVES, 2016, p. 651)

Em 1965, a música de protesto ganha popularidade no Brasil através dos Festivais de Música transmitidos pela Tv Excelsior, em São Paulo. Os festivais eram um espaço onde os artistas se manifestavam, os compositores nacionais eram ouvidos por uma parte da população expondo suas obras inéditas que, em sua grande maioria, continham críticas políticas. Os festivais foram importantes espaços de fruição musical e deram origem a outros festivais que começaram a se espalhar pelo Brasil.

A Música de Protesto, considerada por alguns autores como um movimento político e ideológico, emerge em um momento bastante singular da história brasileira que precisa ser visto como um possível condicionante das manifestações políticas ali presentes. O momento em questão representa um limite significativo para a expressão através das obras artísticas, visto que aquelas que apresentassem conteúdo crítico ou denunciatório seriam censuradas e aqueles que a compuseram/interpretaram seriam presos ou exilados. (NEVES, 2016, p. 651)

Artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Geraldo Vandré, Tom Zé, Gal Costa, dentre outros estavam envolvidos nesse movimento de expressão política através da arte. Outro exemplo da relação entre movimentos sociais e música, pode ser evidenciada na década de 68 através do movimento tropicalista, que segundo Paixão e Vieira (2013, s/p) “serviu para desorganizar de vez o quadro cultural ao nível universitário” que era o público dos festivais. O tropicalismo, embasado nas ideias de antropofagia, caracterizado pelas inovações estéticas nas artes em geral, em especial na música, promoveu a ruptura em diversos pontos: comportamental, político-ideológico e estético.

Uma definição concisa de Tropicalismo dada por Caetano no ano 2000 é a de que o movimento “é o avesso da sofisticação da Bossa Nova. Tudo o que ela rejeitou o Tropicalismo abraçou, o que incluiu a música de mau gosto, o brega, o rock, a Jovem Guarda, a violência das palavras e das imagens” (WORMS; COSTA, 2002, p. 92). apud PAIXÃO, VIEIRA, 2013, s/p

Assim, podemos perceber que a junção entre movimento social e música não se resume a efeitos do campo puramente musical, pois sendo a música uma importante construção social onde discursos, modos de sociabilidade e resistência são expressas artisticamente, pode inspirar e até mobilizar movimentos. Como exemplo disso tem a canção que entrou na história do Brasil, “Coração de estudante” composta por Milton Nascimento e Wagner Tiso, que podemos remeter ao importante movimento estudantil na França em 68. Essa canção trazia essa metáfora da ideia da juventude que luta e sempre acredita na liberdade, e que inspirou o movimento por eleições diretas para presidente no Brasil entre 1983 e 1984.

Ao longo dos anos, podemos identificar outros compositores que usavam a música para expressar sua opinião, retratando sua realidade social.

Sob esse contexto podemos concluir que, mesmo sendo diversas as formas e os conteúdos da Música Popular Brasileira, a música foi a linguagem encontrada pelas diferentes classes da época para expressar os sentimentos mais íntimos de uma sociedade que também era diversa, e portanto, reagia, moldava-se e comportava-se de diferentes maneiras em relação ao contexto que a cercava. (MIRANDA, ZANETTI, 2005, p. 1084)

Um importante ícone da expressão política e social através da música foi o cantor e compositor Raul Seixas que influenciou bandas como Cazuza, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, que são exemplos de grupos que se utilizaram do rock para expor a realidade do Brasil na época.

Na música atual brasileira, podemos identificar uma série de compositores que podemos caracterizar como músicos ativistas, que denunciam realidades sociais vivenciadas nos centros urbanos, nas periferias, como, MV Bill, Criolo, Emicida, o Rappa e Gabriel o Pensador.

Exemplo disso é o rapper MV Bill que nasceu em um contexto de grande vulnerabilidade social, na comunidade chamada de Cidade de Deus, e que através do rap conseguiu vivenciar uma nova realidade socioeconômica e de reflexão, desenvolvendo suas atitudes críticas em seu cotidiano. Foi a partir das suas composições musicais que passou a transmitir mensagens de cunho popular das favelas e diversas críticas aos problemas sociais. MV Bill transmite um discurso político que faz da arte musical uma espécie de crônicas de guerras nas favelas brasileiras, tendo como ponto de partida uma fala urgente sobre violência, discriminação e cidadania. Essa revolução reflexiva, essa mudança revolucionária na vida desse sujeito foi vivenciada a partir da música, especificamente do rap. (DA SILVA NETO, 2016, p.8)

A luta feminista também está presente no meio musical. Retratando, uma importante realidade social que é a luta das mulheres. Representada por cantoras como: Elza Soares, Ekena, Alice Caymmi, Larissa Luz, Karina Burh, Fernanda Abreu, Maria Beraldo, dentre tantas outras mulheres que sobem aos palcos, um ambiente até hoje ocupado por uma maioria masculina, para falar sobre a realidade específica das mulheres, questionando padrões estéticos, objetificação do corpo da mulher, denunciando assédios e violência, trazendo uma mensagem de liberdade e livre expressão. No capítulo que segue, iremos nos aproximar de grupos musicais que atuam na cidade de Sobral, com a intenção de analisar sua relação com o feminismo.

### Capítulo 3- Qual a relação de 3 grupos musicais de Sobral-CE, com o feminismo?

Iremos analisar três grupos musicais formados unicamente por mulheres na cidade de Sobral-CE, que são: Caboclas<sup>2</sup>, Rizoma e Frida. Embora não fossem esses os únicos grupos formados em sua totalidade por mulheres na cidade, decidimos focar neles por conta do curto tempo para entrevistas e análises e entendendo que possuíamos um recorte histórico interessante para analisar. Realizamos uma entrevista semi-estruturada, com cinco perguntas, entre outubro e novembro de 2018. Com o grupo Caboclas, fizemos entrevista pessoalmente num dos ensaios do grupo, utilizando um aplicativo de gravação no celular e posteriormente a transcrição. Com o grupo Rizoma, devido à dificuldade de tempo para conseguir reunir todas as integrantes para a entrevista, realizamos a entrevista com duas componentes via whatsapp. Já com a Frida, o grupo mais antigo, e que não está mais ativo, conseguimos contato com duas integrantes, uma delas, a idealizadora da banda, que não mora mais em Sobral, através de uma das entrevistadas do Rizoma, que também era integrante da Frida, que falou durante a entrevista sobre a existência desse grupo. Conseguimos contatá-las via whatsapp também. Vale ressaltar que, há integrantes entrevistadas que compõe duas das três bandas selecionadas na coleta. Nesse caso, optamos por entrevistá-las uma vez, separando as respostas por grupo. A escolha de grupos formados por mulheres se deveu a compreender como as componentes dos mesmos percebem o feminismo. Outro motivo foi a facilidade (conveniência e adequação ao tempo disponível para a realização da pesquisa) de contatar essas bandas, além disso, por elas serem bandas de mulheres, mas de perfis e trajetórias diferentes.

Apresentaremos uma breve história de cada grupo e em seguida traçaremos uma análise diante das informações obtidas através da entrevista.

#### *Caboclas*

O grupo é formado atualmente por sete mulheres todas estudantes do curso de Música, são elas : Israela Aragão, Queren Evódia, Letícia Muniz, Keylla Rocha,

---

<sup>2</sup> Sendo eu pesquisadora deste trabalho e parte integrante desse grupo, fiz a escolha metodológica de não colocar minha perspectiva sobre o Caboclas como farei com as demais integrantes. Acredito que assim, evito conduzir a percepção do grupo acerca das questões a partir de meu olhar pessoal. Isso também me parece sensato para garantir uma análise mais sólida dos dados apresentados.

Jéssica Cisne, Kátia Souza e Tátilla Michelle. Tem ensaios semanais, todas às terças-feiras de 9:00 as 11:00, no foyer do auditório na Universidade Federal do Ceará (UFC), campus Mucambinho, irá completar três anos de existência e, apesar de não ter sido criado com a ideia de falar sobre o feminismo, “o que une mulheres é tão forte que quando a gente começou a cantar juntas, a gente percebeu que faltava algo mais, que seria muito negligente da nossa parte unir 6 mulheres cantando juntas, e não falar sobre o que é ser mulher” como afirma Israela, umas das integrantes do grupo.

Formado na Universidade Federal do Ceará – Campus Sobral, o grupo vocal Caboclas nasceu em 2015 sob a orientação da Professora Simone Sousa com a intenção de reunir cinco vozes femininas à capela ou acompanhadas de instrumento para interpretar canções de sua autoria na mostra do curso de Música-Licenciatura desta mesma instituição.

A partir do sucesso em sua primeira aparição, o grupo tomou um caminho seu característico. Em 2016, um ano após sua gênese, uma nova voz se une às demais. Agora, em seis, influenciadas pelo evidente e ativo empoderamento feminino, tão discutido nos últimos tempos e partindo de um anseio de tomar o que lhes é de direito, essas seis cantoras sobem ao palco de cara limpa, levantando e somando suas vozes as de outras mulheres, para se posicionar diante de temas importantes e necessários nos dias atuais.

Encorajadas e motivadas pela força da discussão sobre o feminino e tudo que lhe rodeia, as Caboclas se juntam de maneira independente, com suas bagagens e vivências musicais únicas para montar o seu primeiro espetáculo, com esquete sob o nome de "Cor de Cobre", e completo sob o nome “Atemporal”, fruto de laboratórios, debates, fóruns, rodas de conversa, leituras e questões de gênero na universidade. O show questiona e expõe o ‘lugar’ da mulher na sociedade, as influências culturais e estereótipos que não se aplicam a todas, utilizando-se de flashes no tempo, falas comuns, construções sociais e falácias do dia-a-dia, imagens, textos, dados estatísticos e poemas, as Caboclas buscam provocar, instigar e principalmente, fazer refletir sobre as questões de igualdade de gênero. (ARAGÃO, Israela. Release Caboclas, 2016).

### *Rizoma*

Criado em agosto de 2017, com o objetivo “de juntar as artistas da cidade que estavam já paradas/desmotivadas ou sem grupo de ação”, como afirma Letícia Muniz. Inicialmente, o Rizoma parte da ideia de Ray Peixoto que desejava montar um grupo só de mulheres que se encontrasse, não somente para tocar, mas para ter outras experiências juntas, como afirma uma das integrantes:

Eu entrei no grupo a convite da Ray Peixoto e a princípio ela me disse que queria formar um grupo de mulheres, não só pra tocar por aí, mas pra que a gente pudesse estudar juntas, pra que a gente pudesse trocar conhecimentos, desenvolver as nossas músicas autorais e também conversar com outras linguagens artísticas, tentar expandir essa ação, promover rodas de conversas, encontros, ministrar oficinas. Por isso também que tem esse nome Rizoma. (Letícia Muniz)

Formado por cinco mulheres, sua primeira apresentação aconteceu no Portas para o aural, um evento organizado pelo 4 Portas na Mesa, uma escola de teatro e espaço cultural onde são realizadas diversas ações no âmbito da cultura, localizado na cidade de Sobral. A partir disso, o grupo começou a se encontrar semanalmente e hoje em dia os ensaios acontecem às terças-feiras às 19:00, na casa da Ray ou da Bárbara. Após algumas apresentações, o grupo decidiu parar um pouco os shows e focar em ensaios e fortalecimento coletivo antes de voltar aos palcos.

Rizoma ainda (é pra) se encontrar toda semana, mas nem sempre todas podem vir. Há semanas que não tem, mas a gente não deixa de fazer nossos ensaios, mesmo sem apresentação não. Inclusive a ideia de parar as apresentações foi coletiva, para que pudéssemos amadurecer outras coisas e fortalecer o grupo [...](Ray Peixoto)

### *Frida*

O grupo mais antigo dos três teve início em 2006 quando duas amigas foram à estreia da banda Hipnose, para ver a cantora que era colega delas, na época uma das poucas bandas em Sobral que tinha uma mulher e aquilo, de certa forma, despertou dentro delas o desejo de montar uma banda na qual todas as integrantes fossem mulheres. Sem nunca terem tido contato com o canto ou instrumento, elas se juntaram a outras três amigas e montaram a banda. Inicialmente, os ensaios aconteciam num quarto que tinha nos fundos da casa da Eka, a idealizadora da banda, nos domingos à tarde. Mesmo as integrantes tendo enchido as paredes do cômodo com caixas de ovo, para abafar o som, o barulho era motivo de reclamação dos vizinhos. Isso levou-as a ensaiarem também na casa da baixista, e quando queriam se ouvir melhor ensaiavam no BB estúdio ou no Mamute. Esse primeiro existe até hoje e foi onde elas gravaram

posteriormente sua primeira demo, pois o dono era tio de uma das integrantes. A banda teve sua primeira apresentação num festival de música autoral que acontecia em Sobral, em maio de 2007. No evento, cada banda cantava uma música e o júri escolhia a melhor, que recebia um prêmio no final.

No começo, somente uma parte da banda já conhecia o movimento feminista através das *riot girls*, que eram as bandas femininas dentro do movimento punk. A Frida fazia cover dessas bandas, e, embora suas primeiras músicas autorais não falassem diretamente sobre feminismo, com o tempo todas as integrantes foram entendendo o movimento e passaram a criar músicas com essa temática. Elas queriam representatividade feminina na cena de rock em Sobral-Ce, como conta a idealizadora da banda:

O objetivo no grupo era ter representatividade feminina dentro da cena de rock em Sobral, naquela época, que hoje em dia, eu num moro mais aí, mas acompanho pela rede social, que na música em geral sobralense, eu tô vendo que estão surgindo muitos grupos e eu acho isso muito massa. Não só grupos ou bandas totalmente femininos, mas com uma participação massiva de mulheres e eu estou achando isso muito incrível. Na nossa época eram essas três meninas que atuavam até então. E pensamos que seria muito massa se houvesse uma banda composta só por mulheres, então o objetivo da banda era esse. (Eka)

A banda durou seis anos e acabou quando elas se viram obrigadas a deixar a cidade por terem passado em universidades sediadas em outros lugares. Ainda tentaram manter a banda à distância, mas a logística geográfica não permitiu.

### **Análise de dados**

Conhecendo como surgiram essas bandas e o contexto no qual estavam inseridas, podemos perceber como a cena musical feminina na cidade de Sobral muda de 2006 e está em constante mudança até hoje. Em 2006, a falta de informação, até mesmo dentro do grupo, a falta de espaço, a falta de reconhecimento eram dificuldades enfrentadas pelas meninas do grupo Frida, pois nem todas conheciam sobre feminismo como podemos perceber na fala a seguir:

O grupo sempre teve ligação com o feminismo, ele nasceu dessa vontade, mas o que aconteceu, era tudo muito começo, isso foi a mais de dez anos atrás e naquela época, era bem difícil chegar a essas informações, não tinha

rede social, era tudo muito difícil, a informação que tinha era uns blogs muito rasos, os livros em pdf era muito difícil encontrar, eu lutei para achar o Segundo Sexo em pdf, consegui anos depois numa edição bem antiga que foi publicada aqui no Brasil nos anos 80 se não me engano, uma linguagem muito antiga, muito difícil. Então o acesso à informação sobre o movimento feminista, movimento lgbt, era muito complicado, o que tinha era wikipédia.[...] Então pra gente foi difícil encontrar outras integrantes pra banda que também compactuassem dessa ideia. Eu e minha amiga, a gente tinha plena consciência do que era o feminismo, o *riot girl* e a gente queria isso, engatinhando ainda, mas a gente já tinha essa vontade, já tinha essa inspiração, enquanto que quando a gente ia procurar outras meninas, elas não sabiam direito o que era ainda tinha muito mal entendido pelo meio do caminho. [...] por sermos a primeira banda inteiramente feminina, tinha muito falatório pra trás, de colocar a gente pra baixo, de desmerecer mesmo nosso trabalho. (Eka, Frida)

Podemos perceber ao longo do tempo, como as musicistas da cidade de Sobral se apropriaram do feminismo. Não apenas o acesso às informações sobre o feminismo se tornou mais fácil, mas é perceptível através das falas como o grupo faz com que as integrantes passem a compreender melhor o seu lugar dentro do movimento feminista. São relatos de cuidado, de superação de medos, de entendimento do lugar de fala e de luta por uma sociedade onde haja a equidade entre todos os indivíduos.

Pessoalmente o objetivo do Caboclas pra mim, é desconstrução pessoal mesmo e me aprofundar dentro do feminismo, porque eu já conhecia o feminismo, comecei a conhecer mais a fundo com uns 19 anos, mas eu entendi que eu já tinha condutas feministas a partir do momento que eu entrei na Universidade [...] Mas como mulher, quem tem feito esse papel há alguns anos é o Caboclas, passei por vários processos e transformações dentro do grupo, extra e intra- corporais, mentais e pra mim é a melhor maneira de vivenciar o meu feminismo e de levar o feminismo para um lugar além da Universidade, então eu acho que esse é o objetivo principal, falar com outras mulheres de idades diferentes, de classes sociais diferentes de níveis de instrução diferentes que é possível ser feminista e que elas são feministas mesmo quando elas não sabem disso. (Israela, Caboclas)

[...] a partir do grupo, nós temos uma relação de afeto e cuidado muito forte, a gente tá sempre trocando conhecimento uma com a outra, ensinando um instrumento, um novo ritmo, tentando se desenvolver juntas, e estar sempre ali se ouvindo, se apoiando, desabafando uma com a outra sobre essas questões de machismo que a gente enfrenta no dia-a-dia. Então eu acho que isso numa sociedade onde é tão estimulada a questão da rivalidade feminina, a gente se amar, se apoiar e se ouvir dessa forma, eu acho que é um ato feminista. Rizoma pra mim é um lugar de apoio não somente para as integrantes do grupo, mas para outras mulheres como já aconteceu de vir relatar situações com a gente. E sempre que podemos, a gente integra outras pessoas aos nossos encontros. Então eu acho que essa questão do cuidado que a gente tem uma com a outra também é um ato feminista e um ato feminista muito forte. (Letícia, Rizoma)

[...] nesse período de quase seis anos, essas integrantes que no começo, a maioria nem se identificava com o feminismo, ao longo do tempo foi encontrando outras referências de bandas, se aprofundando mais em leituras e no final a gente chegou num processo em que todas se identificavam como feministas, como no começo não era bem assim, as nossas letras não refletiam de fato isso, a gente só gravou cinco músicas e todas com cunho social, de crítica política, mas não necessariamente feministas, porque nem todas estavam fechadas nessa ideia de conseguir falar na letra sobre feminismo. Mas a gente foi evoluindo e caminhando juntas e no fim a gente já tava com música feminista pronta e nossa. (Eka, Frida)

Como visto no capítulo 1 (p.6), segundo Márcia Tiburi (2018), o feminismo é plural. Isso é visível também em nossa pesquisa quando, diante de tantas realidades diferentes vivenciadas pelas mulheres, percebemos, simultaneamente, que todas as bandas se consideram feministas, apesar de terem concepções diversas do que significa o movimento. Buscamos compreender como cada grupo enxerga o feminismo em face de seu contexto e, mesmo sendo um discurso que se aproxima em certos pontos, podemos perceber como a compreensão do movimento e de si dentro desse movimento é processual e individual. É possível notarmos isso nas falas do grupo Caboclas, por exemplo. Quando indagadas sobre o que entendem como feminismo, as integrantes manifestam diferenças de percepção e como elas se complementam. Nesse sentido, Keylla Rocha não se considera militante enquanto Queren Evódia já enxerga o grupo como militância. De forma semelhante, a entrevistada Israela Aragão traz a questão da pluralidade no discurso, enquanto Kátia considera como um autoconhecimento.

[...] eu não me reconheço de outra forma, senão feminista. Posso não ser militante e tal, como tem outras mulheres bem mais ativas que eu e eu reconheço isso, mas seria muita hipocrisia da minha parte, não me reconhecer feminista porque se eu estou no local que eu estou ocupando, fazendo as coisas que eu faço, é de resistência mesmo do movimento e de me reconhecer como feminista. (Keylla, Caboclas)

[...]e você poder expressar sua arte pra conseguir acessar outras mulheres como a Letícia falou, acessar mais pessoas pra poder manifestar aquilo, acho que isso sim é luta, é resistência e já é uma forma sim de militar, querendo ou não. (Evódia, Caboclas)

[...]eu entendo por feminismo todo e qualquer posicionamento que parta de uma maioria numérica de mulheres, mas de uma maioria que é numérica, entretanto, ainda é minoria em relação a direitos[...] embora eu tenha consciência e acho que todas nós temos consciência de que a gente é só uma parte do feminismo porque existem inúmeras vertentes. Por exemplo, nós somos seis e só tem uma moça negra entre a gente, só tem mulheres universitárias, todas de um mesmo curso, a gente é uma fatia massa, mas a gente ainda é uma fatia, existem inúmeras outras coisas pra representar e é por isso que a gente segue cantando. (Israela, Caboclas)

[...] eu acho que o feminismo é muito o que a gente é, autoconhecimento, acho que o feminismo propõe isso pras mulheres de certa forma, de se conhecer e saber até onde a gente como mulher consegue ir, porque a gente sempre cresceu com várias barreiras, então o feminismo veio pra derrubar isso de certa forma e fazer com que a gente chegasse mais longe e fazer a gente limitar esse tipo de abuso, que normalizamos durante anos e anos e anos. Pra mim o feminismo é isso, um autoconhecimento. (Kátia, Caboclas)

Já no outros dois grupos os discursos se assemelham, quando afirmam que o feminismo não é o contrário do machismo, que é uma busca por equidade nos direitos para toda a sociedade. Que está ligado também à liberdade da mulher, seu empoderamento. Em uma das falas podemos destacar também o entendimento sobre a pluralidade do feminismo, como citado anteriormente nas falas do grupo Caboclas.

[...] feminismo é o empoderamento da mulher dentro de um contexto social desigual. Esse empoderamento vem desde o reconhecimento e aceitação do próprio corpo (já não mais como um objeto de desejo e de serviço alheio.) Mas sim como um templo de razões e leis próprias onde as regras são ditadas por ela(s) mesma(s) ). E sendo o feminismo JAMAIS contrário de machismo por serem totalmente diferente, uma vez que o feminismo não oprime e sim pede por igualdade. (Ray, Rizoma)

Feminismo é a ideia radical de que mulheres são seres humanos e que merecem direitos e uma colocação dentro da sociedade de respeito e equidade. É importante falar isso, que não é igualdade, é equidade, porque a gente sabe que a construção masculina tem muitos percalços e até por isso se confunde muito das pessoas acharem que feminismo é o contrário de machismo, quando não é, porque machismo é um sistema de opressão, enquanto feminismo é um movimento de luta por equidade, que é ter esses direitos respeitados na mesma medida, respeitando as diferenças, tanto de construção social quanto diferenças biológicas que nos condicionam nesse lugar que a gente ocupa prioritariamente pela questão biológica, que as mulheres foram colocadas nesse espaço pela sua função de reprodução. Se você for observar e que via se arrastando até hoje tudo que a gente passa é muito antigo e se dá muito na nossa natureza. É claro que hoje em sociedade, a gente encontra milhares de outros percalços. Temos também hoje as identidades de gênero que devem ser respeitadas, as mulheres trans, mas no âmbito de raiz, radical, a gente é oprimida enquanto mulher, enquanto ter nascido mulher e feminismo é buscar essa equidade de tratamento [...] eu entendo e eu sei que existem várias outras correntes e outras vertentes e outros pensamentos, até porque o feminismo ele é plural. (Eka, Frida)

Conforme vimos no Capítulo 1 (p.3), segundo Karawejczyk (2014), o feminismo se torna um movimento que busca o lugar de reconhecimento pela igualdade de direitos e cidadania política das mulheres, reivindicando o espaço da mulher na sociedade. Em nossa pesquisa podemos visualizar que os grupos trazem esse

reconhecimento tanto das conquistas obtidas até aqui, quanto da importância de continuar lutando pelos espaços ainda não alcançados.

[...] o feminismo é essa busca pela igualdade de direitos [...] eu entendo também que é um histórico de luta e resistência mesmo de várias mulheres lutando pra que a gente pudesse, por exemplo, votar. É quando eu resisto e digo que eu posso sim seguir tal carreira e tal profissão, que eu mereço ter um salário também digno da carreira que eu lutei pra conseguir. (Evódia, Caboclas)

Muitas dentro desses grupos são: pretas, lésbicas, pobres e todas artistas! Resumindo: o oco da "minoridade" descriminalizada. A falta de poder econômico da maioria, cor da pele e até gênero e sexualidade são fatores muito fortes quando se tem um grupo. Fortes no sentido que é mais difícil conseguir espaço, visto que eles são dominados por homens, a maioria brancos e de poder econômico razoável, parece clichê, mas não é. Desde conseguir locomoção para ensaio a trabalhar autoestima para se estar em público são desafios mais complexos em um grupo de mulheres, é histórico e real as necessidades acima descritas. Então, de todos esses grupos que participo/particpei o maior desafio é empoderar uma mulher... Depois disso... Nada mais segura! Elas vão pra cima! E digo isso por ver resultado nos próprios grupos mulheres que antes nem falavam alto na frente do marido, hoje comandam bandas, mulheres que jamais falariam em público, já desfilaram e cantaram no meio da rua até perderem a voz. É isso que o feminismo e a arte fazem na vida das mulheres: tiram a mordada e põem uma canção na boca e nas mãos. (Ray, Rizoma)

[...] a gente aproveitava os espaços ali de palco, para falar alguma coisa, pra dizer a que viemos. Nas entrevistas também, porque a gente dava muita entrevista, porque isso despertava muito interesse, curiosidade, dos veículos assim, blogs, então a gente dava a entrevista e estava sempre se posicionando nesse sentido de éramos uma banda de mulheres feministas e que estávamos ali para ocupar aquele espaço, que a gente achava que era importante. (Eka, Frida)

Uma característica bem forte no grupo Caboclas é usar a arte como forma de denunciar a violência sofrida pelas mulheres, seja por assédio ou agressão física. A luta por respeito nas ruas, dentro de casa e principalmente dentro dos relacionamentos está presente nas canções e nos discursos dessas mulheres. Contando suas próprias histórias durante as apresentações, emocionam e tocam principalmente o público feminino, quando acontece o reconhecimento seja por ter vivido ou conhecer uma amiga, que tenha passado pela mesma situação.

[...] o motivo geral do grupo é justamente trazer esse diálogo da posição da mulher, do que nós somos dentro da sociedade, dentro dessa Universidade, a forma que a gente dialoga a forma que a gente se posiciona, a forma também de denunciar através da arte vários tipos de violência que nós mulheres sofremos e pra dizer que nós resistimos e existimos e que nós construímos

muitas coisas. [...] a gente fala das nossas próprias vivências e tudo, quando temos um *feedback* de quem nos assiste e nos acompanha, de quem admira e gosta do nosso trabalho, é que a gente vê o quanto é importante isso que levamos e falamos. Quando as mulheres vêm chorando, falar que nosso trabalho tocou-a, é que a gente vê que através do grupo, dessa conversa, sobre feminismo, como as mulheres em si, acabam se reconhecendo, embora não se reconhecessem feministas, se reconhecem dentro das nossas falas, discursos, discussões, apresentações e é muito interessante [...] (Keylla, Caboclas)

[...] então pra mim o grupo tem um significado de coragem mesmo, de a gente estar dando a cara a tapa, de estar denunciando coisas, mostrando realidades que são tampadas, porque é normalizado[...] porque a gente sempre cresceu com várias barreiras, então o feminismo veio pra derrubar isso de certa forma e fazer com que a gente chegasse mais longe e fazer a gente limitar esse tipo de abuso, que normalizamos durante anos e anos e anos[...] no meio musical, onde a gente tem casos de machismo e todo mundo sabe, que é um meio muito machista, nossas músicas são voltadas pra isso, trazem essa temática, essa denúncia. (Kátia, Caboclas)

[...] É muito louco a gente pensar que ainda precise de feminismo, seria sensacional e maravilhoso se a gente não precisasse. Nós estamos em 2018, no séc. XXI e a gente têm dados estatísticos tão alarmantes, tem a desigualdade salarial tão grande, têm mulheres sendo hostilizadas, assediadas no meio da rua. Então, o que eu entendo por feminismo é resistência [...] quando a gente faz apresentações é muito nítido o quanto a mensagem chega e quão longe ela chega, porque sempre que a gente se apresenta, recebemos devolutivas incríveis, sejam elas pessoalmente ou via rede social, dificilmente a gente sai de uma apresentação sem devolutiva do público. Mulheres sempre chegam à gente dizendo: - é isso aí mesmo, é verdade, isso já aconteceu comigo ou tenho uma amiga que tinha uma história parecida. (Israela, Caboclas)

[...] ser feminista é se posicionar politicamente contra esses absurdos, porque a gente sabe que socialmente existe sim o feminicídio, é uma coisa real, existem dados e *bads* que afetam realmente a gente e as companheiras, seja por um assédio malicioso no meio da rua, seja por uma pessoa que a gente sabe que apanhou mesmo e a gente poder se manifestar contra essas coisas, através disso, ser nossa forma de lutar, resistir e se manifestar [...] E quando levamos isso para as apresentações e que as pessoas vem falar: - olha muito massa. Mostrando que se identificam, às vezes a pessoa que tá assistindo nem sabe que aquilo que acontece com ela é sobre se conhecer e saber impor limite nas coisas, saber que aquilo é uma forma de opressão contra ela[...] (Evódia, Caboclas)

Logo, através da música, os grupos legitimam sua luta, gerando, por intermédio da arte, entendimento e transformação social. Portanto, diante dessa análise, concluímos que, assim como Simone de Beauvoir, Margaret Mead, Judith Butler, Leolinda Daltro, dentre tantas outras que historicamente compreenderam e lutaram pelo direito das mulheres, o movimento feminista avança sobre diversas áreas abrindo possibilidades de um novo olhar sobre a política, economia, educação e música, até que

todas as minorias políticas ganhem visibilidade diante da sociedade e haja equidade para todas, todes e todos.

### **Considerações Finais**

Concluimos esse trabalho retomando a afirmação de Tiburi (2018) de que o feminismo é uma análise crítica social, que busca identificar e transformar a realidade social de minorias políticas. Pode ser entendido também como um movimento de luta por direitos, que é plural, por isso agrega e se ramifica em várias vertentes como, por exemplo: a luta das mulheres negras, a luta dos trabalhadores, a luta dos lgbtq+. Sendo uma característica importante do feminismo, o respeito ao lugar de fala. A luta feminista busca uma sociedade justa para os indivíduos, até que a equidade nos direitos seja alcançada por toda a sociedade de modo que não haja opressão, preconceito, violência e desigualdades.

Isto posto, a música se une ao contexto do feminismo quando se torna um canal de exposição e denúncia. Como afirmam Miranda e Zanetti (2005), a música foi no período da ditadura militar e se caracteriza até hoje como um meio de expressão dos mais íntimos sentimentos da população diante de sua realidade social. A música, ao longo da história, se tornou um meio de denúncia e transformação social.

Portanto, um exemplo prático do que tratamos no primeiro e segundo capítulos, foram os grupos feministas entrevistados na cidade de Sobral-Ce. Estes fazem da música seu campo de luta e transformação individual e coletiva, promovendo através da arte consciência social e empoderamento feminino.

Podemos visualizar a importância e a abertura para pesquisas futuras, partindo desse trabalho. Por exemplo, pesquisar a fundo de que modo participar de uma banda só de mulheres é formativo, no sentido de um movimento feminista. Ou, qual o impacto das apresentações feministas nas pessoas que as assistem? Como isso contribui ou não para o movimento?

Podemos concluir a partir dos grupos que fazer parte deles contribuiu formativamente para o entendimento das participantes com os feminismos. Através da diversidade dos grupos essas mulheres vivenciam diferentes realidades colaborando para que elas compreendam a pluralidade do movimento. Sendo um potente meio de sensibilização do público. Pois por meio da música provocam a reflexão e incentivam mudanças. Evidenciadas através da recepção do público, estabelecendo uma conexão

entre mulheres de gerações e lugares diferentes, que se reconhecem diante da opressão. Contribuindo com o movimento através da propagação dos ideais de equidade para toda a sociedade, denunciando a violência e abusos e conscientizando sobre a importância do feminismo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Organizado por Neuma Aguiar. Rio de Janeiro: Record:Rosa dos Tempos,1997,p.191.

ALMEIDA, Laís Burgemeister; MARQUES, Kathielle de Aguiar. **Movimentos dos direitos civis e a influência da mulher negra nos Estados Unidos**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, VIII, 2017, Universidade Estadual de Maringá. Maringá: [s.n.], 2017. p. sn-sn. v. 1.

ARROYO, Margarete. **Representações Sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música**. 1999. 360 p. Tese (Doutorado em Música)- Instituto de Artes Departamento de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. 1.

CALIL, Lea Elisa Silingowschi. **História do direito do trabalho da mulher**. São Paulo: LTr, 2000,p.80

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estud. av. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, dezembro de 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 18 de novembro de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>.

KARAWEJCZYK, Mônica, **Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro**. Estudos Ibero-Americanos 2014, 40 (Janeiro-Junho): [Ficha de consulta: 18 de novembro de 2018] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134632894005>>\_ISSN 0101-4064

LIMA, Rafaella Pereira de. **Cultura, Movimentos Sociais e Lutas Sociais: a experiência da produção de vídeo popular pela Brigada de Audiovisual da Via Campesina**. 2014. 192 f. Tese (Mestrado em Serviço Social)- Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz De Fora, Juiz de Fora, 2014. 1.

LIZA LOPES, Corrêa. **A relação entre música e movimentos sociais**. 2016. Disponível em: <<https://vivavozunivali.wordpress.com/2016/03/25/a-relacao-entre-musica-e-movimentos-sociais/>>. Acesso em: 01 nov. 2018

MIRANDA, Silvia Helena Rebecca Andrade de; ZANETTI, Valéria. **A História do Brasil na década de 1960 através da música popular brasileira**. In: IX ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E V ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 2005, Universidade do Vale do Paraíba. A História do Brasil na década de 1960 através da música popular brasileira... [S.l.: s.n.], 2005. p. 1083-1085. v. 1.

MUGGIATI, Roberto. **O que é Jazz**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. sn-sn. v. 1.

NEVES, Marcelo Saldanha das. **O uso social da música: Uma reflexão sobre os desdobramentos da música de protesto, a luta por participação social e liberdade individual**. 2016. 13 (Julho-Dezembro): [Ficha de consulta: 18 de novembro de 2018] Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2016/suplementos/area/Humanarum/Artes/OS%20USOS%20SOCIAIS%20DA%20M%3%9ASICA%20UMA%20REFLEX%3%83O%20SOBRE%20OS%20DESDOBRAMENTOS%20DA%20M%3%9ASICA%20DE%20PROTESTO%20A%20LUTA%20POR%20PARTICIPA%3%87%3%83O%20SOCIAL%20E%20LIBERDADE%20INDIVIDUAL.pdf>> ISSN: 1809-8207.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Rev. Sociol. Polit. , Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15 a 23 de junho de 2010. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 18 de novembro de 2018.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, 2008. 11 (Julho-Dezembro): [Ficha de consulta: 18 de novembro de 2018] Disponível em:  
<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70311249015>> ISSN 1415-8566.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. São Paulo, 2009.p.118 a 146.

SILVA NETO, Luiz Gomes da. **Música e movimentos culturais: Uma relação harmônica de resistência à opressão**. 2016. 60 f. Projeto de Pesquisa para TCC (Graduação em Psicologia)- Campus Sobral, Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2016. 1.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum: para todas, todes e todos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 126 p. v. 1.